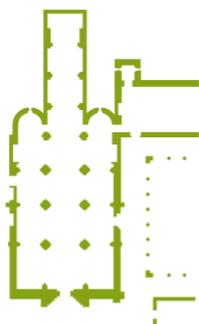


18.

## MOSTEIRO DO SALVADOR DE PAÇO DE SOUSA



Largo do Mosteiro  
Paço de Sousa  
Penafiel



41° 9' 57.39" N  
8° 20' 41.08" O



918 116 488



Sáb. 21h  
Dom. 7h30 e 11h



Divino Salvador  
6 agosto



Monumento Nacional  
1910



P. 25



P. 25



Sim

O Mosteiro do Salvador de Paço de Sousa é um monumento assaz importante para a compreensão da arquitetura românica do Vale do Sousa. As suas singulares características, tanto ao nível da arquitetura como da escultura, e o facto de conservar o túmulo de Egas Moniz (1080-1146), aio de D. Afonso Henriques (r. 1143-1185), fazem deste velho mosteiro beneditino um dos mais apelativos e prestigiados testemunhos da arquitetura românica portuguesa.

A Igreja apresenta um modo muito próprio de decorar, tanto pelos temas que utiliza como pelas técnicas empregues na escultura. Esta escultura, típica das bacias do Sousa e do Baixo Tâmega, adota colunas prismáticas nos portais, bases bolbiformes, emprega padrões decorativos vegetalistas talhados a bisel e desenvolve longos frisos no interior e no exterior das igrejas, à maneira da arquitetura das épocas visigótica e moçárabe.

Paço de Sousa foi, neste contexto, um edifício-padrão onde as tradições locais e as influências do românico de Coimbra e do Porto se miscigenaram, padronizando o tipo de "românico nacionalizado" das bacias do Sousa e do Baixo Tâmega.

Paço de Sousa tem origem na fundação de uma comunidade monástica que remonta ao século X. A mais antiga referência documental data de 994. Nesta época, o Mosteiro, fundado por Trute-sendo Galindes e sua mulher Anímia, deveria seguir os costumes monásticos peninsulares, tendo adotado a regra de São Bento durante o abaciado de Sisnando, entre 1085 e 1087.

Data de 1088 o testamento de Egas Ermiges e de sua mulher Gontinha Eriz que, tendo em vista a salvação das suas almas, doam bens móveis e imóveis à Igreja do Salvador, sagrada por D. Pedro, bispo de Braga. Esta Igreja não corresponde ao atual templo românico, mas tudo indica que a sua arquitetura deixou marcas na construção que viria a ser erguida no século XIII. Este Mosteiro foi cabeça de um couto doado pelo conde D. Henrique (1066-1112), tendo vindo a tornar-se um dos mais afamados mosteiros beneditinos, com ligação à importante família do Entre-Douro-e-Minho, os Ribadouro, da qual provém Egas Moniz, a quem a tradição atribui a fundação do Mosteiro.

A família dos Gascos de Ribadouro deverá ser de ascendência estrangeira. O primeiro representante da família, Mónio Viegas I, seria originário da Gasconha (na atual França), informação transmitida pelos livros de linhagens. Esta família conseguiu senhorear-se de quase todos os mosteiros da região, a oriente do Sousa, ou seja, Paço de Sousa, Valpedre (Penafiel), [Al]Pendorada, Vila Boa do Bispo (p. 163), Vila Boa de Quires (p. 168) e Tuíás, estes quatro no concelho de Marco de Canaveses. Neste contexto, o padroado do Mosteiro de Paço de Sousa passará para os descendentes da filha dos fundadores, Vivili, ou seja, para Egas Ermiges (1071-1095) e para Egas Moniz, o Aio. O templo apresenta parcelas de diferentes épocas. Há frisos e outros elementos reaproveitados de uma construção mais antiga, que deverão datar da segunda metade do século XII, e ainda outros de nítido recorte pré-românico que inspiraram os artistas que trabalharam no estaleiro do século XIII.





A Igreja de Paço de Sousa apresenta três naves, falso transepto inscrito na planta e coberturas de madeira assentes em arcos-diafragma. A cabeceira é composta por três capelas que comunicam entre si: as laterais, de secção semicircular (absidiolos), à maneira românica, e a central, de planta retangular, resultado de uma alteração da Época Moderna.

A nova construção iniciada pelo lado ocidental desenvolveu-se em função da Igreja preexistente. Deste modo, é possível destacar uma primeira fase que corresponde ao primeiro tramo ocidental e ao portal axial, cujos elementos, nomeadamente capitéis e cachorros, apresentam um perfil mais antigo relativamente aos restantes: uns de nítida inspiração coimbrã ou da sé portuense, outros de diversos locais.

Uma segunda fase está patente no portal sul que, comparativamente ao portal ocidental da primeira fase, se apresenta menos arcaico. O tramo mais a ocidente, da primeira fase, é mais largo e mais alto, contrastando com os tramos mais apertados e baixos da segunda fase, o que comprova a redução das dimensões do projeto inicial.

No que diz respeito a uma terceira fase são de destacar, na cabeceira, os absidiolos cobertos por abóbada de berço quebrado, pelo facto de apresentarem elementos bastante evoluídos dentro do românico, nomeadamente nas suas frestas, semelhantes às da capela-mor da Igreja do Mosteiro de Cête (Paredes) (p. 78), datáveis dos inícios do século XIV.

Uma quarta e última fase de construção desta Igreja pode ser vista na cobertura do transepto e na torre sobre o cruzeiro que, pelo seu perfil indiscutivelmente tardio, lembra já a arquitetura gótica mendicante. Na parcela do muro do transepto do lado norte, foram integrados frisos e impostas muito anteriores à construção do século XIII. Nas frestas dos absidiolos, as molduras apresentam aspeto moçárabe. Alguns capitéis, como os do absidiolo do lado sul, com folhas salientes, têm igualmente nítidas recordações moçárabes.

Os elementos de revivalismo proto ou pré-românico, como os frisos de decoração vegetalista com talhe a bisel que se estendem ao longo dos muros, tanto no interior como no exterior, resultam da inspiração nos motivos e perfis das impostas pré-românicas.

A utilização dos arcos-diafragma nas naves é igualmente um elemento que recorda a espacialidade das igrejas pré-românicas peninsulares.

Na face exterior da parede sul da nave, junto da porta de acesso ao claustro, conserva-se uma inscrição funerária. Esta epígrafe, datada de 1202, reporta-se a D. Mónio Ermiges, abade de Paço de Sousa que pertenceu à família patronal do Mosteiro.

No interior da Igreja é possível identificar alguns elementos resultantes da reforma ocorrida durante a Época Moderna. O espaço da capela-mor, estreito e profundo, passou por várias campanhas de obras, de que é exemplo a intervenção de meados do século XVIII, durante o governo do abade frei Manuel das Neves. No que diz respeito ao retábulo-mor é evidente que o seu desenho e decoração indicam já uma cronologia bastante tardia dentro do período moderno, pois é notória uma miscigenação entre o gosto rococó

e o emergente gosto neoclássico, que viria a afirmar-se definitivamente junto à passagem do século XVIII para o século XIX. O claustro e o que resta do edifício monástico correspondem às reformas dos séculos XVII e XVIII.

O Mosteiro recebeu importantes obras de restauro no século XIX, da responsabilidade do Ministério das Obras Públicas, que decorreram entre 1883 e 1887. Entre os anos de 1920 e 1924 foram realizadas intervenções também a cargo daquele Ministério, tendo sido prioritária a recuperação das coberturas e muros. O incêndio de 1927, com origem nas dependências monásticas, estendeu-se ao corpo da Igreja, destruindo a cobertura, dois altares, adornos e objetos litúrgicos e algumas cantarias ornamentadas. Ainda no mesmo ano principiaram as obras de restauro, desta feita já a cargo da Direção-Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais, prolongando-se até 1938.



## CAPELA DO CORPORAL

Demolida em 1605, dispunha-se de forma contígua à atual Igreja românica, na banda do norte, com a qual comunicava pelo topo do transepto, como atesta frei Leão de São Tomás na obra *Beneditina lusitana*. Aqui foi sepultado Egas Moniz, cujo túmulo aí permaneceu até à sua demolição, altura em que frei Martinho Golias, devido ao preocupante estado de degradação, mandou demolir a capela. João de Barros dá-nos notícia, em meados do século XVI, tanto da existência da capela do Corporal, como do túmulo de Egas Moniz que, àquela data, ainda ali se mantinha. Terá sido erguida nos finais do século XI, coeva da sagração da anterior igreja pelo bispo D. Pedro, em 1088. Esta capela foi o principal panteão da família dos Ribadouro, embora vários elementos desta linhagem tivessem escolhido outras igrejas como local de tumulação.



## TÚMULO DE EGAS MONIZ

Com a demolição da capela do Corporal, o túmulo de Egas Moniz foi trasladado para o interior da capela-mor da Igreja, juntamente com os dos seus filhos, ficando o do pai do lado do Evangelho e o dos filhos do lado da Epístola.

Nesta operação, segundo dita a ata da transladação, descobriu-se que o túmulo havia sido mexido anteriormente, pois não se encontravam lá todos os ossos. Apenas os braços, as pernas e parte da cabeça, acompanhados dos ferros das armas e da bainha da espada, foram então encontrados. Segundo o cronista da ordem, frei Leão de São Tomás, os ossos correspondiam a um homem de grande estatura, o que surpreendeu o abade Golias aquando da cerimónia de transladação.

Finalmente, aquando dos restauros da Direção-Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais, em 1929, os túmulos foram reconstruídos, resultando na caixa tumular dupla que hoje se guarda no interior da Igreja, perto do portal principal.





Egas Moniz pertenceu a uma das mais poderosas estirpes da nobreza do Entre-Douro-e-Minho. Filho de Mónio Ermiges de Ribadouro e de D. Oroana, casou com D. Doroteia ou Mor Pais e, depois, com D. Teresa Afonso, fundadora do mosteiro cisterciense de Salzedas (Tarouca). Foi "tenens" de São Martinho de Lamego, de Neiva, de Sanfins e de Parada. Foi mordomo-mor da Cúria, com algumas interrupções, entre 1136 e 1145. O seu feito enquadra-se no cerco leonês a Guimarães (1127), tendo Egas Moniz logrado que o exército de Leão levantasse o cerco, sob a promessa de que D. Afonso Henriques prestaria vassalagem ao rei de Leão, D. Afonso VII. À falta de cumprimento desta promessa por parte de D. Afonso Henriques, Egas Moniz apresentou-se ao rei D. Afonso VII, em Toledo, com a sua mulher e os filhos levando cordas ao pescoço, oferecendo a sua vida e a da sua família ao rei leonês, como preço do perjúrio.

No cenotáfio mais tardio é novamente contada, de forma desenvolvida e com assinalável qualidade plástica, esta tradição. Este cenotáfio, que deverá relacionar-se com a autovalorização do trovador João Soares Coelho, descendente por linha bastarda de Egas Moniz, datará de meados do século XIII. Os relevos esculpidos aparecem já perspetivados e com movimento, o que faz deste exemplar um momento significativo na evolução da escultura funerária portuguesa.

Deste novo cenotáfio conservam-se dois faciais de topo e um lateral. No facial dos pés é representada a cena da morte santa, assistida. Egas Moniz está deitado numa cama, saindo-lhe pela boca uma figura nua que representa a sua alma eleita, que é recolhida por dois anjos. Ao lado estão figuradas quatro mulheres a chorar que, à maneira da iconografia medieval, arrancam os cabelos em sinal de dor. No facial menor celebram-se as exéquias fúnebres de Egas Moniz, através da representação de uma cena composta por um bispo, identificado pela mitra e pelo báculo, e por dois homens que depositam o cadáver no sarcófago, acompanhados de duas carpideiras, pouco perceptíveis.

Na face lateral é representada a viagem a Toledo com desenvoltura técnica, em médio e alto-relevo. As tampas do duplo túmulo apresentam-se em duas águas. Na mais antiga consta a inscrição funerária datada de 1146: HIC : REQUIESCIT : F(amu)LusS : DEI : EGAS : MONIZ : VIR : INCLITVS / ERA : MILLESIMA : [ce]NTESESIMA : ZXXXII [II].



## A NÃO PERDER

• 6,4 km: Quintandona - Aldeia de Portugal (p. 263)